O que Lacan dizia das mulheres

Elisabete Thamer

Resenha do livro: *Ce que Lacan disait des femmes*, de Colette Soler.
Paris: Éditions du Champ Lacanien, col. "...In Progress", 2003.

Contrariando a máxima napoleônica adotada por Freud, a anatomia não é o destino. Esta é uma das lições que extraimos do ensino de Lacan, revisitado por Colette Soler em "O que Lacan dizia das mulheres". Trata-se da reordenação de um conjunto de textos datados, em sua maioria, dos anos 90, e que constitui um importante documento no qual a autora percorre com original desenvoltura teórica e rigor clínico os impasses lógicos da diferença entre os sexos.

A insistência da questão freudiana – "O que quer uma mulher?" –, aliada ao estilo gongórico característico de Lacan, contribui para que a literatura psicanalítica produzida sobre o tema seja, não raro, um aglomerado de refrões enigmáticos, simples amálgama de citações de obscuridade quase heraclítica. É exatamente aí que o livro de Colette Soler constitui um precioso instrumento que conduz o leitor, numa leitura agradável e fluida, ao dissecamento das complexas elaborações tardias de Lacan, sem deixar de passar pelos impasses freudianos.[1]

Uma das pedras de toque do livro é a distinção traçada por Lacan entre a posição histérica e a posição feminina. É com esta grade de leitura que vemos Colette Soler revisitar o que diziam das mulheres Freud, Lacan, os poetas, entre outros. Embora o livro não deixe de seguir um fio histórico ou, mais precisamente, "hystorique"[2], que parte do encontro malogrado entre Joseph Breuer e Anna O. até as figuras contemporâneas da mulher, é esta distinção fundamental – entre histeria e feminilidade – que permite à autora empreender toda uma série de retificações, como as que assinala Marc Strauss em seu comentário sobre o livro: "[...] uma mulher não é nem uma histérica, nem uma mãe, nem uma louca, nem mesmo uma masoquista."[3] A depuração destas insígnias, respostas históricas ao insondável enigma do desejo e do gozo femininos, revela de certo modo a tônica dos oito capítulos do livro, cada um

[1] Cabe lembrar que a autora foi agraciada com o *Prêmio Psyché* 2003, que é consagrado "ao livro publicado ao longo do ano que parece ser o mais suscetível de enriquecer a reflexão e a pesquisa psicopatológica e das disciplinas afins". Este prêmio foi criado em 1977 e é designado pela Association Française d'Études et de Recherches Psychiatriques (A.F.E.R.P.). A premiação ocorreu no dia 31 de janeiro de 2004. Cf. nota da resenha de Marie Jejcic, publicada na *Revue de Psychanalyse*, março 2004, p. 217.

[2] Como "hystérie", "histeria" em francês.

[3] Strauss, Marc. "Lacan et les femmes... À propos de... 'Ce que Lacan disait des femmes' de Colette Soler". In: *L'Évolution Psychiatrique*, 2004, *69*, n°2, p. 352.

dos quais subdividido em temas extremamente precisos, cuja extensão e complexidade extrapolam as possibilidades de uma breve resenha. Mas sigamos as indicações acima:

...nem uma histérica...

"Nós sofremos de uma confusão clínica freqüente com relação à histeria: toda neurótica que se apresenta em análise é suposta histérica, quase que *a priori*, a menos que se suspeite de loucura" (p. 51). A histeria, relembra-nos Colette Soler, não constitui um apanágio das mulheres, mas é algo extremamente preciso, como assinala a tese lacaniana de *Radiofonia*, segundo a qual a histeria é o "inconsciente em exercício". Esta tese não só afasta a correlação imediata entre histeria e sexo feminino, como indica que "em todo sujeito há histeria" (*Ibid.*).

Em seguida, a autora nos conduz pelos desdobramentos teóricos que permitiram a Lacan postular a dissimetria existente entre as posições histérica e feminina. Em resposta ao fracasso freudiano, que tentara responder à questão do desejo da mulher pela via do Édipo ("O édipo faz o homem, não faz a mulher" [p. 19]), Lacan nos apresentou duas formulações distintas: uma baseada na lógica fálica - na qual a partilha sexual se localizava na dialética de "ter ou ser o falo" – e outra representada pelas fórmulas quânticas da *sexuação*, que situa o sujeito feminino não-todo na lógica fálica. Colette Soler explora de modo elucidativo, mesmo didático, as conseqüências destes dois momentos teóricos. Para tal reflexão, a autora revisita famosas passagens clínicas, emblemáticas não apenas da histeria, como Anna O., Dora ou a "Bela açougueira", mas também da neurose infantil, como o pequeno Hans ou o caso Piggle, de Winnicott. É assim que, relendo o sonho da "Bela açougueira", por exemplo, ela nos demonstra a diferença fundamental entre o voto histérico de "ser o falo" (como evidencia o sonho em questão) e a posição feminina, que consente em ocupar o lugar de complemento do desejo masculino. A posição feminina é, portanto, dissimétrica da posição histérica: "uma mulher quer gozar, a histérica quer ser. E exige ser mesmo, ser alguma coisa para o Outro, não um objeto de gozo, mas o objeto precioso que sustenta o desejo e o amor" (p. 63).

Desta distinção deriva uma outra, ainda mais tardia no ensino de Lacan, entre "uma mulher como sintoma e a histérica-sintoma". Colette Soler explora as conseqüências desta elaboração de Lacan, "ter ou ser um sintoma" (conferência sobre Joyce [1979]) que, segundo ela, não são equivalentes: "O falo sendo uma função negativa da falta, e o sintoma uma função

positiva de gozo, eles são muito mais opostos." (p. 64). Segundo a posição ocupada pelo sujeito, ou seja, "ter ou ser um sintoma", mudam as conseqüências lógicas no que concerne, por exemplo, à eleição do parceiro sexual, ao gozo, ao amor e, naturalmente, aos destinos de uma análise. Questões estas discutidas amplamente ao longo de todo o livro.

...nem a mãe...

Apesar do lugar central que a função materna (e suas múltiplas metonímias) ocupa para a psicanálise (em suas diversas vertentes teóricas), a maternidade não constitui uma resposta cabal à questão do desejo feminino. Em um grande capítulo intitulado A mãe, Colette Soler explora inúmeros aspectos desta "função", tão cara à psicanálise. Da posição freudiana, já contestada por Lacan, que via na maternidade a principal recompensa fálica para a irremediável *Penisneid* da mulher, passando pela "mãe suficientemente boa" de Winnicott e um amplo debate sobre o papel da mãe na neurose infantil, a psicanalista conclui que: "Responder à questão do desejo sexual da mulher pela progenitura é bastante paradoxal. A criança é um possível objeto *a* para uma mulher, mas ele advém da dialética fálica do ter, que não lhe é própria *[à mulher]*, e que não satura, a não ser raramente, o desejo sexual. O ser propriamente feminino, se existe um, se situa alhures" (p. 41).

...nem a louca...

Muito se discute sobre a plasticidade dos sintomas histéricos e das inegáveis mudanças aportadas pela ciência e pela revolução dos costumes. Sem dúvida, "A mulher é uma invenção da cultura, 'histórica' [*'hystorique' – hystérique*], que muda de figura segundo as épocas" (p. 34). Entretanto, mesmo se mais de um século nos separam das loucas da Salpêtrière e que o novo DSM queira erradicar a histeria de seus códigos, as mulheres continuam a figurar, imbatíveis, nas estatísticas de novas formas nosográficas, como atesta, por exemplo, a ampla "querela da depressão". Em um subcapítulo intitulado "A aflição feminina" (título curioso!), Colette Soler retoma, por exemplo, o debate em torno da razão pela qual na sociedade moderna as mulheres seriam "mais deprimidas que os homens" (p. 85). Mesmo desconfiada das estatísticas, a autora não se furta a discutir uma "clínica diferencial". É pelo viés da posição feminina com relação ao amor sexuado (ser amada = ser o falo), que a psicanalista esboça uma resposta à dissimetria existente entre homens e mulheres com relação aos estados depressivos.

...nem a masoquista...

Uma das respostas clássicas acordadas pela literatura psicanalítica à questão do desejo feminino consistiu na elaboração de uma teoria sobre o "masoquismo primordial". Esta tese se nutre basicamente de dois textos freudianos: *Bate-se numa criança* (1919) e *O problema econômico do masoquismo* (1924). Como bem observa Colette Soler, as teses freudianas de que o masoquismo "coincide com uma posição feminina" ou que o "masoquismo feminino" (por oposição ao erógeno ou moral) seria a "expressão do ser da mulher", "não pretendem esclarecer o problema da feminilidade, mas o dos fantasmas e práticas perversas, especialmente dos homens" (p. 70). Resta a realizar, portanto, uma clínica diferencial entre a posição masoquista e a posição feminina, cuja confusão reside, grosso modo, no fato de ambas ocuparem o lugar de objeto com relação a um parceiro supostamente desejante. Diferentemente do masoquista, que quer ser "o objeto rebaixado, que cultiva a aparência de rebotalho, que se faz o dejeto", a mulher, ao contrário, "se veste com brilho fálico para ser o objeto agalmático" (p. 75).

A lógica da mascarada masoquista não é difícil de apreender: é uma adaptação, se podemos dizê-lo, inconsciente, à implicação da castração no campo do amor. Como o traço da castração imaginária do objeto é uma das condições da escolha de objeto do homem, tudo se passa como se a adivinhação do inconsciente impusesse quase um cálculo: se ele ama os pobres, banquemos a pobre. Não se deve crer, contudo, [...] que haja aí apenas simulação, pois a complacência pode ir até o sacrifício efetivo. Esta mascarada tem isto em comum com o masoquismo, ela faz espelhar o inverso do objeto *agalmático*, a falta que funda seu brilho e que lhe anuncia, talvez, o destino prometido no amor, a saber, a redução a um mais-de-gozar do outro (p. 77).

à guisa de conclusão

Datados mais de um século de sua criação, "O que quer uma mulher?" permanece como uma questão fundamental, cujas respostas se mostram insuficientes em face da aporia constitutiva da própria posição feminina, não-toda inscrita na lógica fálica. É exatamente por esta razão que explorar este tema é haver-se com um verdadeiro tonel das danaides, que coloca em causa toda a psicanálise, tanto em extensão quanto em intensão. Para este fim, *Ce que Lacan disait des femmes* constitui uma incontornável obra de referência.